



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

MARIA EDUARDA DINIZ DE MEDEIROS

**POPULISMO APOCALÍPTICO, BOLSONARO E MILEI: UMA ANÁLISE
COMPARADA DAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE ULTRADIREITA NO BRASIL
(2018) E ARGENTINA (2023)**

**JOÃO PESSOA
2024**

MARIA EDUARDA DINIZ DE MEDEIROS

**POPULISMO APOCALÍPTICO, BOLSONARO E MILEI: UMA ANÁLISE
COMPARADA DAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE ULTRADIREITA NO BRASIL
(2018) E ARGENTINA (2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Programa de Graduação em Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Relações Internacionais.

Área de concentração: Religião, Ultradireita e Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre.

**JOÃO PESSOA
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M488p Medeiros, Maria Eduarda Diniz de.
Populismo apocalíptico, Bolsonaro e Milei [manuscrito] :
uma análise comparada das campanhas eleitorais de
ultradireita no Brasil (2018) e Argentina (2023) / Maria Eduarda
Diniz de Medeiros. - 2024.

40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2024.

"Orientação : Prof. Dr. Fábio Rodrigo Ferreira Nobre ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Populismo apocalíptico. 2. Direita radical. 3. Bolsonaro.
4. Milei. I. Título

21. ed. CDD 324

MARIA EDUARDA DINIZ DE MEDEIROS

**POPULISMO APOCALÍPTICO, BOLSONARO E MILEI: UMA ANÁLISE
COMPARADA DAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE ULTRADIREITA NO BRASIL
(2018) E ARGENTINA (2023)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais da
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Relações Internacionais.

Aprovado em: 25/06/2024.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
FABIO RODRIGO FERREIRA NOBRE
Data: 25/06/2024 08:31:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Fábio Rodrigo Ferreira Nobre (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Documento assinado digitalmente
ANDRE MENDES PINI
Data: 27/06/2024 20:06:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

André Mendes Pini
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Documento assinado digitalmente
CRISTINA CARVALHO PACHECO
Data: 01/07/2024 11:23:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Cristina Carvalho Pacheco
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DPR – Direita Populista Radical

IURD – Igreja Universal do Reino de Deus

JxC – *Juntos por el Cambio*

LLA – *La Libertad Avanza*

PSC – Partido Social Cristão

PSL – Partido Social Liberal

PSOL – Partido Socialismo e Liberdade

PT – Partido dos Trabalhadores

UP – *Unión por la Patria*

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2 ABORDAGENS TEÓRICAS: ULTRADIREITA E POPULISMO.....	10
2.1 Ultradireita, extrema-direita e direita radical.....	10
2.2 Populismo no espectro político-ideológico na América do Sul.....	12
<i>2.2.1 Definindo o populismo religioso.....</i>	<i>15</i>
3 ANÁLISE COMPARADA DA CAMPANHA BOLSONARO (2018) E MILEI (2023)	16
3.1 Critérios Comparativos do Desenho de Pesquisa.....	16
3.2 Populismo apocalíptico no eixo Brasil-Argentina: o Fim dos Tempos sem o Novo Testamento.....	24
4 ANÁLISE DE MECANISMOS DE IDENTIFICAÇÃO (NÃO) RELIGIOSA NA CAMPANHA ELEITORAL BOLSONARO (2018) E MILEI (2023).....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34

**POPULISMO APOCALÍPTICO, BOLSONARO E MILEI: UMA ANÁLISE
COMPARADA DAS CAMPANHAS ELEITORAIS DE ULTRADIREITA NO BRASIL
(2018) E ARGENTINA (2023)**

**APOCALYPTIC POPULISM, BOLSONARO, AND MILEI: A COMPARATIVE
ANALYSIS OF FAR-RIGHT ELECTORAL CAMPAIGNS IN BRAZIL (2018) AND
ARGENTINA (2023)**

Maria Eduarda Diniz de Medeiros¹

RESUMO

Qual o papel da religião na ascensão do populismo de direita radical no Brasil e na Argentina aproximadamente em meados da década de 2020? Com base em uma abordagem transacional sobre a relação entre o populismo apocalíptico de direita radical e a religião, busca-se, a partir de uma análise comparada, a identificação das convergências nas campanhas presidenciais de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018 e Javier Milei na Argentina em 2023. A hipótese, testada através de dados empíricos, é que o elemento religioso, compreendido como a capacidade de mobilização das congregações religiosas, desempenha um papel determinante na campanha eleitoral do candidato Jair Bolsonaro (2018) no Brasil, no entanto, na campanha de Javier Milei (2023) na Argentina assume uma posição menos influente. Os resultados indicam que a religião é determinante na campanha de Bolsonaro e é fator secundário na campanha de Milei, que coloca a economia em primeiro plano, na agenda de populismo apocalíptico.

Palavras-chave: Populismo apocalíptico; Religião; Direita radical; Bolsonaro; Milei.

ABSTRACT

What is the role of religion in the rise of radical right populism in Brazil and Argentina near the mid 2020s? Based on a transactional approach to the relationship between radical right apocalyptic populism and religion, we seek, through a comparative analysis, to identify convergences in the presidential campaigns of Jair Bolsonaro in Brazil in 2018 and Javier Milei in Argentina. in 2023. The hypothesis, tested through empirical data, is that the religious element, understood as the mobilization capacity of religious congregations, plays a determining role in the electoral campaign of candidate Jair Bolsonaro (2018) in Brazil, however, in the campaign by Javier Milei (2023) in Argentina takes a less influential position. The results indicate that religion is decisive in Bolsonaro's campaign and is a secondary factor in Milei's campaign, who puts the economy at the forefront, in his apocalyptic populism agenda.

Keywords: Apocalyptic populism; Religion; Radical Right; Bolsonaro; Milei.

¹ Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Pesquisadora do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR - CNPq/UEPB). E-mail: maria.eduarda.diniz@aluno.uepb.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0974330154953553>.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das principais características das primeiras décadas do século XXI é o novo ciclo de ascensão de movimentos de ultradireita no mundo. O cientista político Cas Mudde (2019), afirma que estamos vivendo o que ele denomina de “quarta onda da ultradireita do pós-guerra”. Mudde (2019) caracteriza a quarta onda pela heterogeneidade, bem como integração e normalização da ultradireita, que antes operava à margem da política democrática, e passa a ser um ator em destaque no jogo político.

Há uma diferenciação entre os dois principais grupos da ultradireita, tratando-se de: extrema direita (que rejeita completamente a democracia) e a direita radical (que opera dentro das instituições democráticas mas se coloca contra os valores fundamentais desse sistema) (Mudde, 2019). Para Mudde, a normalização da ultradireita ocorreu a partir do ponto em que os partidos de direita tradicional incorporaram os ideais da direita radical populista a sua agenda política principal.

Apesar dos movimentos de direita radical não serem essencialmente religiosos, muitos recorrem à religião para construir uma plataforma política nacionalista e conservadora (Barbosa e Casarões, 2022). Populistas de direita radical transformaram a elaboração de políticas numa “guerra cultural”, com conotações religiosas não apenas em termos de valores, mas também através do maniqueísmo político de “o bem” contra “o mal” (Barbosa e Casarões, 2022). Assim, a pergunta norteadora da presente pesquisa é: “Qual o papel da religião na ascensão do populismo de direita radical no Brasil e na Argentina na primeira metade da década de 20?”

Nesse sentido, o mundo assistiu à recente escalada ao poder de líderes ultradireitistas populistas em diversos países, como Jair Bolsonaro no Brasil e Javier Milei na Argentina. Bolsonaro foi, desde o período da redemocratização, o primeiro presidenciável a usar o nome de Deus durante a campanha eleitoral em 2018 e contou com a mobilização de eleitores evangélicos neopentecostais durante a campanha como fator decisivo. Por outro lado, Javier Milei demonstrou pouca afinidade com o eleitorado evangélico durante a campanha. Por isso, buscou-se compreender a relação entre o populismo de direita radical e a religião nas campanhas presidenciais de Jair Bolsonaro no Brasil em 2018 e Javier Milei na Argentina em 2023.

A discussão situa-se na contraposição ao secularismo do Estado Westfaliano, responsável por atribuir ao Estado Moderno o dever de disciplinar a religião no âmbito político doméstico e fornecer um conceito restritivo de religião para fundamentar a criação da

sociedade internacional moderna (Thomas, 2005). O Tratado de Westfália, celebrado no século XVII estabeleceu uma nova ordem de separação entre Igreja e Estado na Europa (Haynes, 2016). Visto que Westfália introduziu a teoria da decadência da religião como ator central nas relações internacionais, o discurso na área tornou-se predominantemente secularizada nas produções europeias e permaneceu assim até os últimos anos do século XX, quando, de acordo com Haynes (2016), atores religiosos começaram a ganhar proeminência crescente em assuntos domésticos — ainda assim Westfália foi um evento com pequeno para nenhum impacto fora do continente.

A escolha do tema justifica-se a partir de sua conexão com fenômenos globais do populismo de direita radical tendo a religião como fator exortado, estabelecendo pontos de contato entre a presença da religião como agente de interesse nas relações dos Estados e por sua capacidade de influir tanto na política externa quanto na interna com a ampla influência de líderes populistas de direita radical na política e a elementos, pautas e agendas religiosas discursivas nas campanhas de ultradireita.

A presente pesquisa se debruça sob dois casos emblemáticos da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018 e da campanha eleitoral de Javier Milei em 2022 com a hipótese inicial de que o elemento religioso, compreendido como a capacidade de mobilização das congregações religiosas, desempenha um papel determinante na campanha eleitoral populista de direita radical do candidato Jair Bolsonaro no Brasil, no entanto, na campanha de Javier Milei na Argentina assume uma posição menos influente. Uma vez que a eleição no Brasil de 2018 opunha um representante da situação derrubada (Haddad)² a outro que apoiava a “luta contra a corrupção” (Bolsonaro) (Lynch; Cassimiro, 2022) é possível traçar um paralelo com as eleições argentinas de 2023 tendo em vista que o perfil similar de Milei que também opunha um representante da situação derruba (Massa)³. A convergência entre os dois candidatos políticos permite definir o marco temporal da pesquisa como o período eleitoral do Brasil em 2018 e Argentina em 2023, o que direciona para uma análise comparada das respectivas campanhas eleitorais.

Wendy Brown (2017) forneceu uma análise a respeito da governamentalidade sob o domínio do neoliberalismo: uma noção regressiva de liberdade enquanto direito permite que a

²Membro do Partido dos Trabalhadores (PT), que disputou a eleição presidencial contra Bolsonaro em 2018 e possui um perfil distante da liderança carismática do antecessor Lula (PT), que é esquadrihado como populista de esquerda.

³Membro do partido *Unión por la Patria* (UP) e ministro da economia no governo de Alberto Fernández (2019). Disputou contra Milei as eleições de 2023. Assim como Haddad, possui um perfil político técnico, diferente do populista que o antecedeu como liderança partidária.

ultradireita, como o movimento liderado por um líder populista, abra alternativas antidemocráticas à ordem capitalista e desvie o discurso para um espaço escatológico. Essa junção de fatores aponta para uma aliança de forças emancipatórias que configuram o populismo apocalíptico, que é baseado em uma narrativa sobrenatural de colapso iminente para mobilizar apoio político e legitimar decisões (Brown, 2017; DeHanas, 2023). Desse modo, investigou-se a relação entre o populismo apocalíptico no eixo Brasil-Argentina para diagnosticar ao fim da pesquisa o impacto do apoio de denominações religiosas nas respectivas campanhas eleitorais de Bolsonaro (2018) e Milei (2023).

A metodologia do presente trabalho é predominantemente qualitativa, concentrando-se em um estudo empírico e revisão de literatura, em uma abordagem transnacional que conta com uma análise comparada de um pequeno número de casos. A seleção dos casos deu-se a partir do reconhecimento de que Brasil e Argentina compartilham diversas similaridades históricas, geográficas e em relação ao movimento populista, como será visto na seção 3; frente a essas similaridades, buscou-se entender as razões pelas quais o resultado – no caso, a religião enquanto determinante na campanha eleitoral populista – é dispare.

Dentro dessa perspectiva, as seções foram divididas em cinco: (1) Considerações iniciais; (2) Abordagens teóricas: ultradireita e populismo; (3) Análise comparada da campanha Bolsonaro (2018) e Milei (2023); (4) Análise de mecanismos de identificação (não) religiosa na campanha eleitoral Bolsonaro (2018) e Milei (2023); (5) Considerações finais.

Para executar o referido desenho de pesquisa, a primeira e última seção consistem, respectivamente, em considerações iniciais e finais. A segunda seção apresenta os conceitos de ultradireita, populismo de direita radical e populismo apocalíptico expondo os debates da literatura acerca do tema e justificando a escolha de Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023) e DeHanas (2018).

Desse modo, na terceira seção, foram reproduzidas recomendações elaboradas pela literatura. Optou-se pelo modelo conforme proposto por Vargas-Maia e Pinheiro-Machado (2023) para elencar as características convergentes entre Jair Bolsonaro (2018) e Javier Milei (2023) durante a campanha eleitoral em análise, também o conceito de populismo apocalíptico cunhado por Wendy Brown (2017) e desenvolvido por DeHanas (2023), além disso, foram incluídos componentes quantitativos oriundos de dados empíricos coletados por diversos autores. A quarta seção busca elucidar em que medida a influência religiosa apresenta variação na eleição presidencial brasileira e argentina no período delimitado e como o elemento religioso se relaciona com a estratégia populista nas duas campanhas. Em cada

uma das seções foi enfatizado um procedimento diferente que ajuda a melhorar a qualidade do produto final de pesquisa.

2 ABORDAGENS TEÓRICAS: ULTRADIREITA E POPULISMO

Esta seção define as diferenças entre a direita radical e a extrema direita, argumentando pelo uso sistemático do termo ultradireita como conceito guarda-chuva. Ao considerar as bases conceituais para a diferenciação entre a ultradireita e suas dinâmicas subjacentes pode-se, assim, aumentar a precisão na discussão desse fenômeno e voltar a discussão para o populismo de direita radical, ao mesmo tempo destacando o desdobramento de uma nova fase que exorta a religião no discurso político populista.

2.1 Ultradireita, extrema-direita e direita radical

Segundo Carter (2018, p. 175, tradução nossa), “as definições [sobre o conceito de ultradireita] tornaram-se mais parcimoniosas e semelhantes ao longo dos últimos 20 anos”. O debate contemporâneo acerca da ultradireita tem defendido e ensaiado o argumento de que a ultradireita contemporânea simboliza uma interpretação radical dos valores políticos dominantes (Mudde, 2019) ou uma radicalização da política tradicional (Minkenberg, 2013).

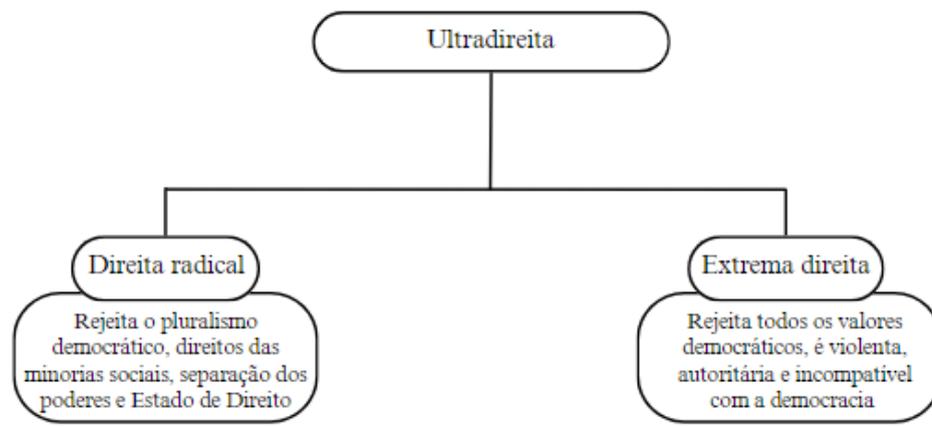
A importância de um conceito deliberadamente genérico, mas fundamentalmente significativo, como ultradireita, é motivada pelos vínculos entre atores populistas de direita radical e antidemocráticos de extrema direita (Mudde, 2019). Ultradireita é um termo genérico utilizado para identificar e reunir atores coletivos localizados no extremo direito do espectro ideológico esquerda-direita, mas não é desprovido de significado devido a esta propriedade agregativa, embora o termo evoque posição e localização espacial, é também substantivo, uma vez que se refere a partes constituintes (isto é, radicais/extremistas) discerníveis com base na perspectiva democrática/antidemocrática (Carter, 2005).

Diante disso, aplicou-se o modelo conceitual de Mudde (2000) que caracteriza a ultradireita como movimentos, violentos ou não, os quais incluem na agenda pelo menos três dos temas posteriores: nacionalismo, racismo, xenofobia, anti-democracia ou autoritarismo (Mudde, 2000).

A extrema-direita é violenta e antidemocrática (Mudde, 2019). Pode ser representada por figuras como Mussolini e Hitler, ligados ao fascismo histórico (Mudde, 2018). Minkenberg (2000) define que uma ideologia trata-se de "extrema-direita" uma vez que

representa ameaça direta à constituição e ao ordenamento jurídico ou uma vez que recorre à violência como meio para alcançar objetivos políticos. A direita radical, por outro lado, se opõe a aspectos da democracia liberal, como direitos das minorias e separação de poderes (Mudde, 2019). A direita radical não é necessariamente antidemocrática em um todo, porém é imbuída de iliberalismo, a favor da tradição, família e autoridade em oposição às noções modernas de igualdade (Jüpskas; Leidig, 2020). Portanto, ultradireita é um conceito que incorpora extrema direita e direita radical. A figura 1 ilustra a composição da ultradireita.

Figura 1 - Conceito de Ultradireita



Fonte: elaboração da autora com base em Mudde (2019).

A recessão econômica global de 2008, o Brexit de 2016 no Reino Unido⁴ e a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016 foram eventos importantes na ascensão da Ultradireita no mundo, além das mídias sociais digitais, a economia global interconectada, redes de poder transnacionais e as teorias da conspiração (Pinheiro-Machado; Vargas-Maia, 2023). No entanto, a ascensão política da ultradireita no Sul, não pode ser explicada por um arcabouço teórico indiferenciado originalmente desenvolvido através de perspectivas euro-americanas (Pinheiro-Machado; Vargas-Maia, 2023)..

Com efeito, optou-se pelo uso pragmático de um termo específico para elucidar o fenômeno observado a partir do ciclo eleitoral iniciado em 2018 na América do Sul com a eleição de Jair Bolsonaro. Nesse sentido, utiliza-se o termo Direita Populista Radical (DPR), conforme proposto por Tatiana Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023), como instrumento analítico para uma abordagem mais refinada na esfera da ultradireita

⁴O euroceticismo foi difundido à direita no Reino Unido muito antes do aumento do apoio aos partidos populistas de direita radical na Europa como um todo, mas a decisão para sair da União Europeia do referendo de 2016 do Reino Unido foi anunciada como um dos exemplos mais visíveis da crescente força da direita populista radical no mundo contemporâneo (Norris; Inglehart, 2016).

sul-americana capaz de oferecer uma estrutura conceitual que facilita a compreensão política que será esclarecida adiante.

2.2 Populismo no espectro político-ideológico na América do Sul

Como descrito por Mudde e Kaltwasser (2017), o conceito de populismo tem sido utilizado de maneiras muito diferentes, abrangendo desde concepções emancipatórias e democráticas radicais até alusões pejorativas em relação a como a macroeconomia deve ser gerenciada, bem como estilos de liderança baseados em vínculos diretos com as massas.

A definição de populismo para Cas Mudde (2004) é de uma ideologia que considera a sociedade como separada em dois grupos homogêneos e antagônicos, “o povo puro” contra “a elite corrupta”, e que argumenta que a política deve ser uma expressão da *volonté générale*⁵ das pessoas. Assim, o populismo é uma ideologia pouco refinada em que há o destaque de uma natureza discursiva maniqueísta entre o povo e a elite, e pode estar associado tanto à direita quanto à esquerda (Mudde; Kaltwasser, 2017).

Outro autor importante sobre o populismo, Finchelstein, aponta características compartilhadas pelos regimes populistas tanto de direita quanto de esquerda. No contexto político pós-Segunda Guerra Mundial, após a derrota do fascismo histórico, Finchelstein (2019) elabora uma linha do tempo sequencial do populismo: primeiro, remonta à contestação pós-fascista da democracia nos primeiros governos de Perón (1946-1955) na Argentina; em segundo lugar, ele indica o populismo de Getúlio Vargas no Brasil na segunda fase do vargismo (1951-1954); em seguida, o surgimento do populismo neoliberal, entre outros, representado por Menem na Argentina (1989-1999); em quarto lugar, o populismo neoclássico de esquerda, representado por Kirchner na Argentina (2003-2015) e Evo Morales na Bolívia (2006-2019); por fim, o surgimento do populismo de direita radical, fortalecido pelo Trump nos Estados Unidos (2016) e também presente no Brasil através de Jair Bolsonaro (2018).

Finchelstein (2019) apresenta características comuns de regimes populistas de direita e esquerda. Ele destaca que o populismo utiliza a semântica da democracia eleitoral como meio de legitimação. Os líderes populistas se apresentam como insurgentes dispostos a ignorar as convenções de longa data da política tradicional para devolver a política para o povo e

⁵*Volonté générale*, ou vontade geral, é um conceito criado pelo filósofo Jean-Jacques Rousseau em Do Contrato social (1762). O conceito corresponde ao conjunto de escolhas realizadas por todos os cidadãos para o bem de todos e não para seu próprio bem.

resgatar a sociedade de valores corruptos difundidos pela elite corrompida e ilegítima do lado adversário. (Lynch; Cassimiro, 2022). A crítica à democracia, dessa maneira, consolida-se tanto à esquerda quando a direita, é considerada uma característica do populismo, na qual o pluralismo disfarça a dominação dos interesses dos grupos dominantes, buscando restabelecer o elo democrático por meio de uma reconciliação entre o povo e seu líder (Lynch; Cassimiro, 2022).

Na América do Sul, existiram diversos líderes de esquerda como, por exemplo, Lula da Silva no Brasil e Chávez na Venezuela em relação aos quais o populismo pode ser identificado no maniqueísmo discursivo em que retratam a população como uma totalidade de trabalhadores explorados pela elite capitalista concentrada (Finchelstein, 2019; Lynch; Cassimiro, 2022). Já o populismo de direita pode ser representado por Menem na Argentina que apresenta elementos discursivos guiados pela necessidade de manter a ordem através do uso da autoridade, na defesa do povo como famílias e empresários ameaçados por uma minoria subversiva que ataca a propriedade privada e atenta contra a moral tradicional (Finchelstein, 2019; Lynch; Cassimiro, 2022).

Dentre as características distintas, para além de “direita” e “esquerda”, cabe classificar o populismo como moderado ou radical como é proposto por Lynch e Cassimiro (2022). É considerado moderado quando, segundo Lynch e Cassimiro (2022), o populismo não confronta a democracia, podendo até mesmo fortalecê-la ao instigar pluripartidarismo e favorecendo a ampliação da participação popular e o exercício da reflexão política. Finchelstein (2019) observa que Lula da Silva (2003-2011) no Brasil, por exemplo, formou coligações multipartidárias, afastando-se do mito radical do líder como máxima personificação do povo e as características teológicas do populismo mesclada a aspectos político-religiosos, características que serão amplamente discutidas na próxima seção.

Por outro lado, o populismo radical desafia o Estado, buscando burlar o aparato constitucional democrático (Lynch; Cassimiro, 2022). O populista radical representa uma figura antissistema que está preocupado em combater o inimigo, guiando a população a levantar uma ideia de dissonância com o adversário, dessa forma, atos constitucionais e democráticos passam a ser vistos como ameaças, fazendo com que seja necessário o revide do populista radical, que age através de táticas discursivas como as *fake news*, conceito abrangendo histórias inventadas e compartilhadas como verdadeiras com a finalidade de causar danos a quaisquer atores: indivíduo, grupo social, organização, religião ou até Estado (Wardle; Derakshan, 2017) e estratégias que perpassam o campo presencial da política para adentrar o campo ideológico, cultural e mental do adversário.

O Populismo Reacionário é, assim, a expressão do populismo vinculado ao espectro político da ultradireita que utiliza de fundamentos remontando a um Deus, à nação ou ao mercado, contra a qualquer tentativa de alteração que desafiem essas três forças em uma dinâmica que remete ao tradicionalismo (Lynch; Cassimiro, 2022). Os populistas de direita radical reforçam a polarização, fazendo com que os direitos políticos das minorias político-sociais não sejam eliminados, em primeiro momento, mas sua legitimidade democrática diminuída, incluindo na experiência sul-americana em que o populismo é introduzido como uma forma de regime eleitoral pós-fascista (Finchelstein, 2019).

Mudde (2017) sugere três elementos definidores para a direita populista radical: nativismo, autoritarismo e populismo. Esta definição, no entanto, não é adequada no contexto sul-americano. Estes líderes de direita populista radical apresentam autoritarismo e populismo como característica (Mudde, 2007) e, apesar o nativismo não esteja no centro da discussão, a principal diferença é uma questão de intensidade e escala de ambos os fatores dentro das particularidades históricas da América do Sul. Em uma nova onda de ascensão política de direita radical com diversas coalizações formando-se nas eleições através do Partido Social Liberal (PSL) e *La Libertad Avanza* (LLA), com Bolsonaro no Brasil e Milei na Argentina para os cargos presidenciais em 2018 e 2022, são reivindicadas as técnicas populistas de propaganda empregadas pela direita radical em outros países, especialmente nos Estados Unidos presididos por Trump.

No entanto, Tatiana Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023) demonstram que Trump e Bolsonaro podem apresentar declarações semelhantes de intolerância através dos mesmos canais de mídia social, confiando em táticas idênticas, porém os efeitos serão completamente diferentes porque os Estados em que estão inseridos apresentam graus desiguais de desenvolvimento econômico e consolidação democrática de suas instituições. Utiliza-se do prolongamento do mal-estar público sobre os atores políticos adversários a fim de apresentar o líder de ultradireita como único ator verdadeiramente representativo (Lynch; Cassimiro, 2022) todavia a maioria dos estudiosos da ultradireita exaure a análise das semelhanças entre autoritários populistas e subestima que um combate dirigido contra os direitos de gênero e sexuais na América do Sul é muito mais visceral devido ao processo de democratização incipiente.

Assim, as características-chave da presente pesquisa para explicar as particularidades da América do Sul partem do conceito de Tatiana Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023) focados em: recessão econômica e subjetividade política; o legado da ditadura e dos ditadores, violência policial cotidiana decorrente do ethos militar; os matizes do nacionalismo

nos países do Sul e conservadorismo religioso e moral em democracias não seculares e suas contrarreações. O último item foi identificado como variável de controle da pesquisa para traçar o perfil ideológico de Bolsonaro (2018) e Milei (2023) que será melhor bem desenvolvido no capítulo 3, desse modo, será abordada a dimensão moral-religiosa do populismo a seguir.

2.2.1 Definindo o populismo religioso

O populismo é carregado de mensagens polarizadoras que dividem a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos (Berlet, 2019). Em uma dimensão moral e religiosa, o populismo pode ser elencado em: carismático sobrenatural, sagrado e apocalíptico. Primeiro, o populismo carismático sobrenatural derivou da noção e autoridade carismática da tradição de Weber (1968) pautada na noção cristã de “carisma” ou “dom da graça”.

No Novo Testamento, os apóstolos receberam dons milagrosos, como a capacidade de curar ou de falar em novas línguas, e esses dons capacitaram a sua liderança na comunidade cristã primitiva (DeHanas, 2023). De maneira semelhante, Weber (1968) descreveu os líderes carismáticos como sendo dotados de magnetismo específico de corpo e mente considerados sobrenaturais, no sentido de exclusividade. A noção de sobrenatural diz respeito ao estilo retórico e à história de vida para qualificar uma liderança política, de forma que os líderes carismáticos têm seguidores que desenvolvem uma ligação estreita com eles, o que pode ser experimentado como um fervor de lealdade ou alegria extática aparições públicas (Weber, 1968).

Por sua vez, o populismo sagrado trata-se de um passado idealizado do povo, em que o passado é visto com nostalgia pelo que foi perdido e ressentimento para com aqueles que são vistos como privilegiados e culpados por esse prejuízo. Émile Durkheim (1915) compreendia o sagrado como coletivamente considerado superior ao profano. Para o populismo, sagrado primário é o povo, uno e soberano. O slogan “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” da campanha de Jair Bolsonaro (2018) elucida bem a questão. Porém, o sagrado não é apenas um marcador social, é inviolável e pode ser defendido com uso da força caso necessário, como o slogan *Build the wall* trumpista que apresenta uma defesa sacrossanta de um povo visto como enfrentando ameaças existenciais de forças externas (DeHanas, 2023). A sacralidade não precisa estar exclusivamente relacionada à religião: o povo evocado pelo discurso populista pode cultivar a memória colectiva de sacralidade pautada na etnia, raça, nação, ideologia e outros fatores que tem base moral (DeHanas, 2023). Por isso, o slogan de Trump também tem

cunho de sacralidade devido ao peso moral-ideológico mesmo sem evocar diretamente um elemento religioso.

Finalmente, há o populismo apocalíptico, que é relacionado a visão do futuro. A teórica política Wendy Brown (2017) desenvolve e aplica o conceito para Donald Trump nos Estados Unidos, que foi capaz de provocar uma mudança no teor emocional, do ressentimento para a raiva, incitando os seguidores a uma pulsão radicalista de redenção da pátria antes de ser tarde demais. Jair Bolsonaro no Brasil (2018) e Javier Milei na Argentina (2023) também ganharam força de mobilização política em um perfil condizente ao populismo apocalíptico, dada a necessidade de destaque a essa característica entre os dois líderes políticos, a qual será elucidada na seção 3 a seguir.

3 ANÁLISE COMPARADA DA CAMPANHA BOLSONARO (2018) E MILEI (2023)

O cortejo entre Brasil e Argentina, apresenta-se diante a pesquisa porque os países sul-americanos detém uma combinação de semelhanças históricas, como a herança colonial e os desafios da construção de Estados-nações no período pós independência e, mais especificamente, o eixo Brasil-Argentina tem como características sistêmicas político-institucionais em comum o sistema republicano, o federalismo e o presidencialismo (Tella, 2010). Se diferenciam, segundo Di Tella (2010), entre outras características, no processo de transição democrática pós-autoritária e configuração sociopolíticas consequentes a esse processo que terão diagnóstico comparativo a seguir.

Denota-se que as teorias generalistas para ultradireita com enfoque euro-americano não enquadram o crescimento dos movimentos de ultradireita sul-americanos. A crise dos refugiados, em que os imigrantes supostamente ocupariam as oportunidades de emprego da população, não é pauta central dos discursos populistas como descreve o modelo de Mudde (2017). Ao contrário, os inimigos suscitados pelos populistas ultradireitistas são internos, segundo a proposição de Tatiana Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023), que será utilizado no desenvolvimento dos critérios comparativos da pesquisa em seguida.

3.1 Critérios Comparativos do Desenho de Pesquisa

Para analisar as particularidades das campanhas eleitorais de Bolsonaro (2018) e Milei (2023), é adotado como critério comparativo o modelo apresentado por Tatiana Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023) adequa-se à pesquisa ao considerar as peculiaridades

inerentes aos sistemas políticos da América Latina. Este modelo elenca as seguintes características: (1) recessão econômica e subjetividade política; (2) legado da ditadura e dos ditadores, violência policial cotidiana decorrente do ethos militar; (3) matizes do nacionalismo nos países do Sul e conservadorismo religioso e (4) moral em democracias não seculares e suas contrarreações.

À priori, a recessão de 2008 é considerada um dos pontos de virada na ascensão da direita populista radical enquanto um fenômeno político no século XXI para muitos acadêmicos – como Eatwell & Goodwin, 2018 e Mudde, 2019. Mouffe e Laclau (2014), por sua vez, compreendem o crescimento da DPR como maneira de reintroduzir o conflito de classes no tecido social através da frustração da classe trabalhadora ou setores empobrecidos da população atraídos por uma narrativa contra as elites políticas corruptas e o sistema econômico, ou em melhor termo, *anti-establishment*⁶.

No Brasil, as eleições de 2018 deram início a um novo ciclo político, bem como as eleições de 2022 na Argentina de acordo com o conceito de Eleição Crítica de Key (1995) em que um segmento de eleitores provoca uma modificação abrupta no panorama de alinhamento pré-existente do eleitorado e, devido a modificação, todo o quadro do sistema partidário se modifica com o surgimento de novos atores (Key 1955). O novo ator, em ambos os casos, é um populista de direita radical que desponta nas pesquisas eleitorais como presidenciável em ambos os países. A Nova República, regime da pós-democratização brasileira, se esgotou da polarização PT-PSDB, principais partidos políticos brasileiros, e cedeu espaço à direita populista radical com a ascensão de Bolsonaro (2018) (Moisés, 2020). Já a ascensão política de Milei (2023) no cenário eleitoral argentino ocorreu como uma modificação abrupta do peronismo da *Frente de Todos* e o macrismo do *Juntos por el Cambio* enquanto atores predominantes na maioria dos distritos eleitorais (Gabiati, 2022).

Quanto à subjetividade política, a base da ultradireita prevalece em um cenário decadente de frustração da classe trabalhadora com enfoque em emoções de ressentimento, raiva e ódio (Brown, 2017). Todavia, diferente do contexto euro-americano, com slogans como *Make America Great Again* de Trump (2016), um passado idealizado de prosperidade parece descolado da realidade material de países que mantiveram cerca de 50% ou mais da população na economia informal e, portanto, uma identidade unificada de classe trabalhadora tem sido principalmente prejudicada assim, na América do Sul, um futuro idealizado de

⁶De acordo com Barr (2009) *anti-establishment* refere-se ao apelo retórico usado em oposição à elite. Em vez de restringir a terminologia à esfera política como “antipolítica” ou “política anti partidária”, por sua vez, *anti-establishment* captura a ideia de oposição àqueles que exercem o poder (Barr, 2009).

prosperidade é mais preciso para descrever uma população retirada da pobreza em economias emergentes e incentivada a incorporar o ideal individualista de empreendedorismo (Vargas-Maia & Pinheiro-Machado, 2023).

Milei (2023) incorporou reivindicações da classe trabalhosa para ter a frustração social como eixo central discursivo em função da captação de votos (Falcón, 2023) e com o slogan *Viva la libertad* mobilizou aspirações individuais em direção ao futuro. Por sua vez, o slogan *Deus, pátria e família* de Bolsonaro (2018), com o adendo de um inimigo interno que se opõe a esses três pilares dos valores tradicionais, mobiliza aspirações individuais e familiares em direção ao futuro em termos de enfraquecer o Estado e reforçar o papel dos indivíduos e da família na reconstrução da economia (Brown, 2018; Cooper, 2017).

A ascensão da DPR não é necessariamente um ressurgimento de ideias e práticas autoritárias, mas na verdade são a persistência e o fortalecimento destas considerando que os regimes autoritários constituem uma herança recente na América do Sul, em que os processos de democratização ocorrem no final da década de 1980, como no caso do Brasil (Vargas-Maia & Pinheiro-Machado, 2023)

A ditadura instaurada no Brasil em 1964 uniu elementos autoritários para reprimir e desmobilizar a população e manteve estruturas representativas, como o funcionamento do Poder Legislativo, porém, a abordagem híbrida foi abandonada em 1968, quando uma linha mais radical fechou o Congresso Nacional, suspendeu as garantias constitucionais e interviu politicamente em estados e municípios (Souza, 2016). A transição do regime autoritário para democrático, no Brasil, foi marcada por uma longa duração com pleno controle dos militares: as negociações foram iniciadas ainda em 1974, quando o regime ditatorial se beneficiava politicamente de um período de crescimento econômico, e foi uma transição gradual – que durou praticamente uma década –, de modo que foi negociada uma anistia que beneficiou militares e opositores, mas que principalmente inviabilizou a judicialização e penalização dos membros das Forças Armadas no que diz respeito à violação de direitos humanos, também estabelecendo garantias na etapa pós-autoritária (Souza, 2016).

Para a DPR no Brasil, Jair Bolsonaro representou um regozijar de elementos autoritários: um militar reformado, eleito deputado federal pelo Rio de Janeiro consecutivamente entre 1991 e 2018, que ganhou destaque na Câmara dos Deputados a partir de 2016, durante o processo de impeachment da presidente Dilma Rousseff (PT), com retórica permeada por glorificação a ditadura militar e da tortura como prática legítima contra a guerrilha (Avritzer, 2020).

Na Argentina, foram cinco intervenções militares⁷ iniciadas em 1955 com a queda e exílio do presidente Perón (Fausto & Devoto, 2004). Por outro lado, na Argentina houve uma divisão dentro das Forças Armadas, tanto pela disputa interna entre as três Forças quanto pela distinção dos projetos dos chefes de cada Arma (Romero, 2012). No início de 1982, a derrota da ditadura Argentina na Guerra das Malvinas contra o Reino Unido desencadeou uma crise profunda nas Forças Armadas, o que se somou a uma crise econômica que serviu de combustível para a movimentação de setores aliados (empresários e a Igreja Católica) e da oposição (sindicatos trabalhistas, partidos políticos e organizações de direitos humanos) que convergiram na pressão a favor de uma abertura política (Romero, 2007; Romero, 2012). É notável no caso argentino a convocação de eleições, a revisão da atuação da ditadura desde 1976 e o Julgamento das Juntas, processo judicial realizado em 1985 para punição dos crimes da ditadura (Romero, 2007).

No caso argentino, Javier Milei, expoente da DPR, abriu espaço entre a coalizão macrista *Juntos por el Cambio* e a peronista *Frente de Todos* e foi eleito deputado federal nas eleições primárias de 2021. Javier Milei (2023) teve como candidata a vice Victoria Villarruel, com quem divide partido político. Victoria é filha do veterano da Guerra das Malvinas Eduardo Marcelo Villarruel, que recusou o juramento à Constituição e foi preso em 1987 por isso (Estadão, 2023). O portal Pagina|12 (2023) aponta a deputada como uma das principais vozes que reivindicam a revisão das condenações de oficiais das Forças Armadas, ela entoa um discurso carregado de negacionismo contra os 30 mil desaparecidos da última ditadura argentina (1976-1983) e equipara a violência deferida pela ditadura a grupo de guerrilheiros da época em um discurso de revisionismo histórico.

Seguindo a lógica de que o maior interesse político indica uma maior adesão à democracia, a teoria da cultura cívica interpreta também que com uma maior confiança nas instituições, maior será o apoio à democracia (Gabiati, 2022). O primeiro grupo apresentado é o de instituições vinculadas ao Estado e à política, dentre elas as Forças Armadas, polícia, partidos políticos e eleições (Gabiati, 2022). Desse modo, a tabela abaixo, compreende a confiança da população argentina e brasileira, respectivamente, nas Forças Armadas.

Tabela 1 - Confiança nas Forças Armadas – (Média das ondas de 2005/2009; 2010/2014 e 2017/2020)

⁷A instabilidade pode ser atribuída a dificuldades econômicas e pela eficaz pressão política dos sindicatos trabalhistas aliados ao peronismo, movimento que, apesar de ter sido banido do sistema político, continuou possuindo força de mobilização (Fausto & Devoto, 2004).

RESPOSTA	ARGENTINA	BRASIL
Muita	6,30%	23,30%
Bastante	26,60%	42%
Não muita	42,60%	20,30%
Nenhuma	24,30%	14,60%
Total	2885 (100%)	4580 (100%)

Fonte: Gabiati, 2022 elaboração com base em World Values Survey.

Na Tabela 1 observa-se o elevado grau de desconfiança dos argentinos em relação às suas Forças Armadas, o que destoa da situação do Brasil. Ao agregar as respostas positivas (“muita” e “bastante”), o caso argentino revela uma média de 32,9% de confiança, enquanto, no Brasil, esse número está acima da maioria absoluta 65,3% como indica Gabiati (2022).

Cabe elucidar que as polícias tiveram participação ativa nas ações de repressão violenta e combate às guerrilhas (Valente, 2012), assim, os dados na Tabela 1 reforçam um contraste entre Brasil e Argentina no que se diz respeito às forças de segurança: a confiança na polícia em porcentagem dobra de número no caso argentino para o brasileiro. No Brasil, durante a ditadura de 1964, o processo de militarização da polícia ocorreu ao extinguir as forças civis e atrelar o policiamento ostensivo às Forças Armadas, com a criação das polícias militares que ainda estão presentes nas ruas brasileiras.

Tabela 2 - Confiança na polícia – (Média das ondas de 2005/2009; 2010/2014 e 2017/2020)

RESPOSTA	ARGENTINA	BRASIL
Muita	4,00%	9,00%
Bastante	21,30%	39,60%
Não muita	44,00%	26,60%
Nenhuma	30,00%	16,00%
Total	3035 (100%)	4580 (100%)

Fonte: Gabiati, 2022 elaboração com base em World Values Survey.

O ethos militar é influenciado pelas normas e crenças arraigadas na cultura das Forças Armadas. Bolsonaro mostrou-se um líder político historicamente alinhado à ditadura e defensor do porte de armas (Barros II, 2023). Entre os temas mais fortes entre o eleitorado masculino de Bolsonaro, jovem ou não, estava o armamento da população (Pinheiro-Machado e Scalo, 2019). Em paralelo, Milei implementou no discurso a defesa aberta da liberação do porte e posse de armas como direito individual e salvaguarda contra ameaças individuais (Gabiati, 2022).

É imprescindível citar a falta de êxito eleitoral do candidato de extrema-direita e ex-combatente das Malvinas, Juan José Gómez Centurión, nas eleições legislativas de 2021 na Província de Buenos Aires (Gabiati, 2023). De acordo com Gabiati (2023) o NOS emergiu durante a mobilização social de 2018, centrada no debate sobre a legalização do aborto na Argentina com um discurso fundamentado na defesa da família tradicional, na oposição tanto aos governos kirchneristas quanto os macristas, na luta contra a decadência moral da elite e sociedade em geral. O partido propôs a restauração dos valores morais cristãos que deram base a fundação da Argentina, em um alinhamento liberal-conservador e nacionalista-católico, com ênfase na tradição católica e hispânica argentina, bem como na defesa de figuras históricas como San Martín, Rosas e a causa das Malvinas, como exemplos de valores nacionalistas (Gabiati, 2023).

No entanto, enquanto Javier Milei foi líder da coalizão política argentina *La Libertad Avanza* (LLA) capaz de obter 17% dos votos⁸, o partido NOS de Gómez Centurión não obteve votos suficientes na eleição primária para qualificar-se para a eleição geral, conforme exigido pela legislação eleitoral⁹. Milei ganhou destaque e apoio ao apresentar-se como libertário e anarco-capitalista, adotando um discurso radical e agressivo contra a oposição *Juntos por el Cambio* (JxC) macrista, os peronistas e a esquerda (Falcón, 2023) e, quanto à pauta moral, inovou no discurso ao trazer uma agenda ultraliberal ausente na política argentina, em defesa da legalização das drogas, da prostituição e da posse/porte de armas, contudo, mostrou-se contra a descriminalização do aborto ao se aliar a setores mais conservadores da sociedade para combater a política pública que havia sido aprovada pelo Congresso Nacional argentino (Gabiati, 2023).

No livro autoral *Libertad, libertad, libertad*, Milei e Giacomini (2019) incitam a polarização política para criar um inimigo em comum e aproximar quem compartilha das frustrações socioeconômicas e, depois, apresentar-se como solução para combater os atores políticos externos injustos e opressores (Diniz de Medeiros & Bianco, 2023). O ultraliberalismo, que rechaça o liberalismo clássico em detrimento da propriedade privada e livre mercado acima de qualquer concessão estatal junto a reafirmação de que o Estado é agente de doutrinação e alienação são elementos discursivos centrais na sobreposição do direito à propriedade privada e liberdade individual aos direitos básicos como alimentação,

⁸Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/mundo/noticia/2021/11/15/coalizao-de-javier-milei-ultradireitista-da-argentin-t-em-17percent-dos-votos-e-torna-se-a-3a-forca-em-buenos-aires.ghtml>. Acesso em 07 abr. 2024.

⁹Somente os partidos que alcançam pelo menos 1,5% dos votos nas eleições primárias estão aptos a participação nas eleições gerais. O NOS obteve apenas 0,97% dos votos, equivalente a 79 mil votos (Gabiati, 2023).

educação e saúde (Milei & Giacomini, 2019; Kordon, 2022). Milei busca e direciona o eleitorado para uma Argentina potência, a qual exorta no discurso de vitória como deputado em 2021 (Noticias, 2021).

No Brasil, em tom autoritário no discurso, com apoio aos valores familiares tradicionalistas, em uma suposta guerra espiritual, Bolsonaro (2018) buscou ativamente o apoio de lideranças religiosas cristãs em um nacionalismo religioso (Barbosa e Casarões, 2022). Para os interesses que movem a presente pesquisa, é importante explicar que a Teologia da Guerra Espiritual, muito comum no neopentecostalismo da IURD, mas que se globalizou a partir de pastores americanos como Wagner, Dowson e Sherman, além de alguns importantes pregadores da América Latina (Mariz, 1997) trata o demônio como responsável pelos males enfrentados e consegue identificar um culpado tangível, o Mal, personificado em todas as barreiras que impedem a satisfação dos desejos (Kehl, 2011) o que corrobora com a dicotomia do discurso populista de direita radical.

A defesa da família brasileira cristã foi o carro chefe nos temas de cunho moral nas eleições de 2018 (Gabiati, 2023). O conservadorismo angariou lideranças evangélicas ao ponto de muitas delas, no ano de 2018, apoiarem um candidato da DPR sem uma crítica sólida à violência de Bolsonaro, que apareceu na Marcha para Jesus fazendo gestos que remetiam a armas (Gabiati, 2023).

Bolsonaro teve apoio das Forças Armadas e de igrejas evangélicas, mas Milei na Argentina, ao contrário, mostrou-se um líder personalista sem organização nem quadros políticos que capturou os desertores das duas principais alternativas eleitorais tradicionais em um rechaço ruidoso de um sistema pautado na desconfiança, ressentimento e afetos políticos que tensionados contra a cultura democrática (Ramírez e Vommaro, 2024). Embora o ressurgimento da fé na política tenha se beneficiado das instituições democráticas, da modernização tecnológica e da globalização, os movimentos religiosos não estão igualmente comprometidos com tais forças: a política dos atores religiosos é influenciada por sua teologia política e pelo grau de independência entre autoridade religiosa e autoridade política em um contexto político específico (Toft *et al.*, 2011). A capacidade política de grupos religiosos depende em grande parte das dinâmicas políticas e sociais pré-existentes em cada Estado (Barbosa e Casarões, 2022). Desse modo, a seção seguinte aprofundará o debate acerca da DPR e a religião.

3.2 Populismo apocalíptico no eixo Brasil-Argentina: o Fim dos Tempos sem o Novo Testamento

A religião tornou-se a única resposta para aplacar sentimentos de ansiedade existencial e insegurança ontológica para uma parcela da população (Kinnvall, 2004). O populismo apocalíptico, modelo de Wendy Brown (2017), está intrinsecamente ligado à projeção de uma visão futura que compreende o líder de DPR como capaz de catalisar uma transformação no espectro emocional de seus seguidores, transitando do ressentimento para a raiva. A mudança emocional é instrumentalizada para incitar uma inclinação radicalista em busca da redenção da pátria, sendo premente agir antes que seja tarde demais (Brown, 2017).

Um futuro idealizado é mais adequado para incitar um corpo eleitoral retirada da pobreza em economias emergentes, já que um passado de prosperidade não existiu para ser retomado, e alavancar um ideal individualista de empreendedorismo para o crescimento de aspirações individuais e familiares no enfraquecimento da responsabilização do Estado (Vargas-Maia & Pinheiro-Machado, 2023; Brown, 2018; Cooper, 2017).

Em termos mais amplos, o discurso religioso-moral, ao empregar estratégias discursivas que enfatizam a importância da aceitação da ideologia proposta, constitui-se como um veículo de persuasão para induzir mudanças cognitivas e afetivas no público, promovendo a adoção de um conjunto de crenças e valores que levam à conquista de bem-estar desejado (Romero, 2024). Os líderes de direita populista radical que exploram a influência e alcance da religião, também exploram as capacidades materiais, que são fornecidas pela estrutura e receita das igrejas, bem como a capacidade de mobilização das organizações religiosas (Barbosa e Casarões, 2022).

Javier Milei (2023), manteve um discurso mais econômico do que religioso, mas ainda assim atraente a setores conservadores (Gabiati, 2022). De forma análoga ao papel desempenhado pela aceitação dos ensinamentos de Jesus no Novo Testamento como ponto de ruptura paradigmático para a passagem dos fiéis de um estado de desconforto para um de bem-estar, o discurso de Javier Milei surge como um agente catalisador destinado a fomentar uma mudança na percepção dos argentinos, passando de um estado negativo para um positivo, de forma que, Milei dirige-se especificamente aos *argentinos de bien*, ou seja, aqueles que já aceitaram a ideologia proposta, constituindo assim um estado de não desconforto: são expostos dêiticos positivos, delineando uma visão prospectiva de um país renovado e próspero, livre de problemas anteriores como a inflação e em que todos recuperam o orgulho de serem argentinos em um apelo ao ponto final que constitui a conclusão retórica do

discurso, evocando a ideia de uma interrupção decisiva e de abertura de um novo capítulo na história política-econômica na Argentina (Romero, 2024).

Quanto à Bolsonaro (2018), o Brasil idealizado na campanha é baseado em valores nacionalistas cristãos, em que o coletivo é, em última análise, definido pela fé, e não pela cidadania estabelecida em termos estritamente legais em que os verdadeiros brasileiros são aqueles que acreditam no mesmo Deus cristão, herdado da cultura europeia, e compartilham um código moral comum conservador, vagamente extraído da Bíblia (Barbosa e Casarões, 2022). O projeto político representado por Jair Bolsonaro no Brasil, desta forma, combina o movimento populista de direita radical e o projeto nacionalista cristão em um nacionalismo religioso (Barbosa e Casarões, 2022).

O líder de DPR empenhou-se na aproximação com os eleitores evangélicos e pentecostais, foi abraçado pelo bispo neopentecostal Edir Macedo, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e incorporou grande parte do simbolismo relacionado para reivindicar a profecia do Fim dos Tempos para o Estado brasileiro (DeHanas, 2023). A religião foi a peça central da tentativa antipluralista de Bolsonaro de redefinir a nação em termos monistas em um renascimento político e espiritual promovido através de uma estratégia metapolítica, que, no Brasil, foi enquadrada como uma guerra cultural religiosa (Barbosa e Casarões, 2022). Diante disso, os indicadores de mobilização das congregações religiosas no período de campanha eleitoral Bolsonaro são evidentes, principalmente, do setor neopentecostal (DeHanas, 2023; Barbosa e Casarões, 2022).

4 ANÁLISE DE MECANISMOS DE IDENTIFICAÇÃO (NÃO) RELIGIOSA NA CAMPANHA ELEITORAL BOLSONARO (2018) E MILEI (2023)

Na presente pesquisa, identifica-se Milei e Bolsonaro enquanto líderes inseridos no espectro político da ultradireita, com uma plataforma política associada à Direita Populista Radical. Uma vez estabelecidas as características da DPR, tendo como base as respectivas campanhas eleitorais Bolsonaro (2018) no Brasil e Milei (2023) na Argentina, e o populismo apocalíptico enquanto fenômeno político-social associado, esta seção busca demonstrar como religião e campanha eleitoral são temas que convergem.

No Brasil, a consolidação da retórica neopentecostal associada a uma agenda anticorrupção conseguiu unir diferentes segmentos da população em torno de uma promessa de reconstrução moral e material (Vargas-Maia & Pinheiro-Machado, 2023). O papel assumido pelo neopentecostalismo na agenda de ultradireita foi de ajuda na composição dos

elementos populistas que construíram a narrativa política do bolsonarismo (Lynch & Cassimiro, 2021).

A trajetória política de Bolsonaro não iniciou-se marcada por uma forte ligação com a fé, porém o aspecto religioso foi cuidadosamente forjado para ressoar com a comunidade evangélica do Brasil, que não à toa é uma das atuais forças políticas mais proeminentes no país (Barbosa e Casarões, 2022; Dip, 2018). O caráter político renovado de Bolsonaro se deu com a filiação ao Partido Social Cristão (PSC) e o batismo em Israel no Rio Jordão pelas mãos do pastor da Assembleia de Deus e líder do PSC, Everaldo Pereira em 2016 (Barbosa e Casarões, 2022).

No entanto, Everaldo Pereira da Assembleia de Deus detinha uma plataforma religiosa limitada e obteve menos de 1% dos votos nacionais nas eleições presidenciais de 2014 em que foi presidenciável, como mostra a tabela abaixo:

Tabela 3 - Resultado da apuração do 1º turno das eleições presidenciais de 2014 no Brasil

Presidenciável	Partido	Situação de totalização	Votos nominais
Dilma Vana Rouseff	PT	2º turno	43.267.668
Aécio Neves Da Cunha	PSDB	2º turno	34.897.211
Maria Osmarina Marina Da Silva Vaz De Lima	PSB	Não eleito	22.176.619
Luciana Krebs Genro	PSOL	Não eleito	1.612.186
Everaldo Dias Pereira	PSC	Não eleito	780.513

Fonte: elaboração da autora com base no TSE¹⁰ (2024).

O baixo alcance de votos nominais de Everaldo Pereira exibido na Tabela 2, que na situação de totalização foi incapaz de levá-lo ao 2º turno das eleições para presidente de 2014, não era o bastante para consolidar uma grande base de apoiadores para Jair Bolsonaro. Desse modo, depois de menos de dois anos filiado ao PSC, Bolsonaro adotou uma estratégia para superar o problema que incluía deixar o partido.

¹⁰Para dados completos, acessar: <<https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-eleicao-resultados/home?session=10678088282454>>.

A decisão de Bolsonaro de sair do PSC e ingressar no Partido Social Liberal (PSL) permitiu que sua base de apoiadores fosse alavancada por uma plataforma mais livre e ecumênica, capaz de reunir diferentes grupos religiosos em torno de um projeto nacionalista cristão, que buscava superar o sectarismo religioso no Brasil (Barbosa e Casarões, 2022).

De acordo com Barbosa e Casarões (2022), ao manter a ambiguidade sobre a filiação religiosa após ingressar no PSL, Bolsonaro frequentou missas, aproximou-se de eleitores católicos conservadores e formou alianças com grupos católicos tradicionais para, em seguida, diminuir a lacuna entre igrejas rivais e denominações dentro do campo evangélico, encontrando um meio-termo entre aspirações tradicionais, pentecostais e neopentecostais (Barbosa e Casarões, 2022). No ano eleitoral de 2018, em consequência, Bolsonaro recebeu apoio público de grandes líderes, à exemplo, o bispo neopentecostal, fundador da Igreja Universal do Reino de Deus, Edir Macedo (DeHanas, 2023).

Por sua vez, Javier Milei, embora seja frequentemente retratado como um Bolsonaro argentino (Chrispim, 2021), possui uma trajetória política destoante, principalmente, porque demonstra pouca afinidade quanto à relação com o eleitorado evangélico. A ausência de afinidade de Milei com os evangélicos é dada por múltiplos fatores e, dentre os fatores, diferente de Bolsonaro, os pastores, em especial aqueles das denominações mais institucionalizadas e abrangentes, não estavam dispostos a apoiar Milei enquanto candidato nas eleições de 2023 publicamente (Semán, 2023b).

Milei, à nível pessoal, possui um fator agravante de impopularidade que é a utilização dos serviços de uma médium para se comunicar com os mortos, o que é considerado pecado respaldado por textos bíblicos e um tabu para os eleitores evangélicos (Sendin, 2023). Ainda que Milei tenha feito muitas críticas ao Papa, o que traz a possibilidade de aproximação de uma plataforma política associada aos evangélicos, houve uma dupla tentativa de confessionalização do voto religioso por parte dele (Semán, 2023a).

Em um comício para a campanha presidencial de 2023, uma das camisas de apoio oferecidas dizia: “A vitória na batalha não depende da quantidade das tropas, mas sim da força que vem do céu” (1 Macabeus 3:19), porém as evocações não foram necessariamente voltada aos evangélicos,¹¹ uma vez que esse grupo tende a rejeitar livros do Antigo Testamento, que considerarem apócrifos. Macabeus (1 e 2) fazem parte dos livros rejeitados. (Semán, 2023b). No debate presidencial transmitido pela La Nacion¹² (2023), Milei

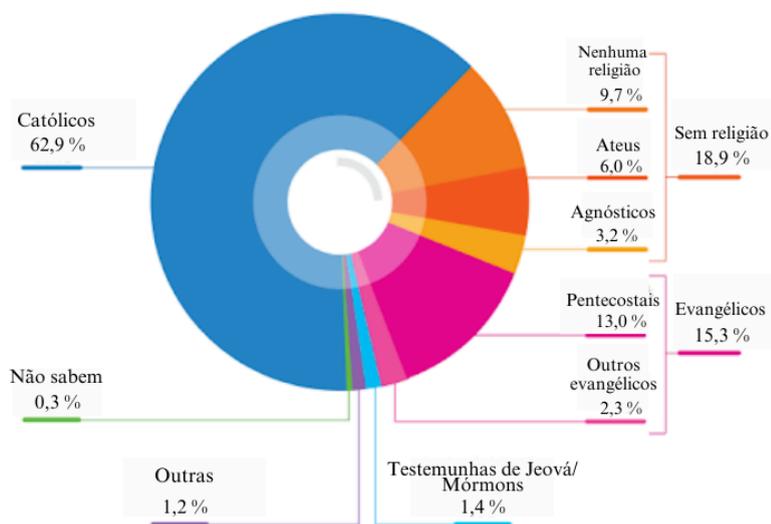
¹¹ Os evangélicos rejeitam livros do Antigo Testamento que considerarem apócrifos. Macabeus (1 e 2) fazem parte dos livros rejeitados.

¹² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eusMc8gvns4>>. Acesso em 15 de abr. de 2024.

demonstrou um recuo nas críticas ao Papa Francisco quando o candidato rival Sergio Massa do *Unión por la Patria*¹³ alegou que ele ofendeu o chefe da Igreja Católica. Em defesa, Milei respondeu que Massa estava mal-informado, já havia pedido perdão, e poderia pedir de novo porque estava arrependido. Ainda, reafirmou que caso o Papa desejasse ir à Argentina, seu país de origem, ele seria respeitado como chefe de Estado e líder da Igreja Católica (La Nacion, 2023).

A trajetória política de Milei e Bolsonaro em direção à confessionalização do voto religioso implica na diferença do panorama religioso doméstico entre Argentina e Brasil. Apesar de no contexto brasileiro os evangélicos representarem um setor politicamente mais ativo do que o setor católico (Barbosa e Casarões, 2022) e contarem como 31,8% da população na projeção de Alves *et al.* do ENCE/IBGE, na Argentina o cenário é outro. De acordo com os dados retirados da CONICET (2019), enquanto o catolicismo conta 62,9% da população, é importante destacar que 2 de cada 10 argentinos se definem sem religião, o que é mais numeroso do que a quantidade de argentinos evangélicos, como demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Panorama Religioso Argentino de 2019 em percentual



Fonte: CONICET (2019), tradução nossa.

São compreendidos no Gráfico 1 como sem religião: agnósticos, ateus e aqueles que apontaram “nenhuma religião” sem classificação mais especificada. Enquanto isso, os

¹³ A coalizão política *Frente de Todos* do ex-presidente Alberto Fernández (2019) passou a ser chamada de *Unión por la Patria* para disputar as eleições gerais de outubro de 2023. Para dados completos acessar: <<https://www.mdzol.com/politica/2023/6/14/oficial-el-frente-de-todos-pasara-llamarse-union-por-la-patria-345596.html>>. Acesso em 16 de abr. de 2024.

evangélicos representam somente 15.3%, de forma que, as pessoas sem religião que são 18,9% contam um número maior do que evangélicos na Argentina. Deste modo, ao observar o cenário doméstico, a plataforma política de apoiadores religiosos ganha uma dimensão diferente na Argentina em comparação ao Brasil.

Denota-se que a Argentina tem a sexta maior comunidade judaica do mundo e a maior da América Latina com cerca de 250.000 pessoas (Sivak, 2023). Apesar da comunidade cristã no país somar um número maior do que a comunidade judaica, cujo percentual de pessoas não demonstra grande concentração no panorama religioso argentino, Milei, de origem católica, avançou em direção ao judaísmo (CONICET, 2019; Miller, 2023). Ele evocou elementos religiosos judaicos ao emitir os sons do *shofar*, que é tocado durante feriados judaicos, diante de milhares em comícios na campanha de 2023 e, após sua vitória como candidato, converteu-se a religião (Pilatti, 2024; Sivak, 2023). Ainda, ele nomeou Axel Wahnish, rabino chefe da comunidade judeu-marroquina argentina (Acilba), como embaixador argentino em Israel (Sivak, 2023). Os desdobramentos dessa conversão, que estão para além do escopo da presente pesquisa, ainda terão que ser acompanhados.

Milei representa um caso ambíguo quanto à sua posição programática devido a posições como o apoio à legalização das drogas e visões liberais sobre família e casamento (Kestler, 2022). Milei, pessoalmente, não é casado e nem tem filhos. Ele considera o casamento não como uma instituição, mas como um contrato e, como tal, uma questão de livre escolha (Kestler, 2022). Milei também é contra o aborto, mas sua oposição é justificada no princípio de John Locke do direito à vida, liberdade e propriedade, e não no sentido da ordem natural ou divina (A24.com, 2021). Faz-se necessário apontar que, mesmo sem a justificativa apoiada em princípios religiosos, o posicionamento dele sobre a descriminalização do aborto ainda assim o aproxima dos setores conservadores que tentam reverter a política pública já aprovada pelo Congresso Nacional da Argentina (Gabiati, 2023). No Brasil, a questão da legalidade do aborto é debatida entre grupos religiosos conservadores, sendo eles comumente contra a legalização no Brasil embasado por princípios religiosos, (Nobre; Pini e Angeiras de Menezes, 2023) posicionamento que também é o de Bolsonaro.

DeHanas (2023) explica que um líder populista de direita radical não ser religioso no sentido estrito não é um problema para os apoiadores. Compreende-se que o populista de direita radical é uma figura antissistema que busca revelar a verdadeira face do inimigo do povo, por isso, os apoiadores relativizam os desvios de conduta do líder diante de um papel escatológico maior a ele atribuído (Wardle & Derakhshan, 2017; DeHanas, 2023). Isso confere o que DeHanas (2023) classifica como populismo apocalíptico. Bolsonaro, é casado, e

apesar de ter filhos com mulheres diferentes e três divórcios em sua trajetória pessoal, afirma prezar pela tradições, nas quais a família nuclear heteronormativa é o centro (Nobre; Pini e Angeiras de Menezes, 2023). Tendo em vista que o debate sobre família tradicional é uma das pautas principais dos setores religiosos conservadores no Brasil (Barbosa e Casarões, 2022), a busca por um retorno à tradição e a tentativa de preservação do ideal de uma família nuclear heteronormativa constituem uma amálgama entre os setores de ultradireitista e religiosos conservadores (Nobre; Pini e Angeiras de Menezes, 2023).

O populismo apocalíptico entorpece os líderes e os seus seguidores quanto às consequências humanas das suas ações: como o apocalipse é preordenado, é inevitável, o que significa que o populismo apocalíptico é acompanhado por um apelo moral fatalista a respeito de uma missão superior (DeHanas, 2023). A missão superior é sagrada e a sacralidade não precisa estar relacionada à religião. É possível que o povo exortado pelo líder de direita radical aprecie de uma sacralidade baseada na raça, nação e outros fatores que podem ter pouca ou nenhuma base religiosa (DeHanas, 2023).

Durante um comício em 2017, Bolsonaro proclamou diante de uma multidão fervorosa, exemplificando de maneira eloquente o uso do nacionalismo religioso como parte de sua plataforma política, que “Não tem essa historinha de Estado laico. É Estado cristão”¹⁴ (Barbosa e Casarões, 2023). Diante disso, para Barbosa e Casarões (2023), o país idealizado por Bolsonaro baseia-se em valores nacionalistas cristãos, onde a coletividade é definida principalmente pela fé, não pela cidadania estabelecida em termos estritamente constitucionais.

As relações entre o Brasil e Israel também se destacam como parte da agenda nacionalista religiosa, pois Israel encapsula uma dimensão da dinâmica religiosa do Brasil que envolve o crescente papel dos pentecostais evangélicos no governo e sua visão de laços mais próximos com Israel como parte de uma profecia bíblica conhecida como Cristianismo Sionista (Grin; Gherman; Caraciki, 2019). A convergência cristãs sionistas e a simpatia declarada por Donald Trump explicam por que Bolsonaro colocou Israel na vanguarda da campanha eleitoral, prometendo mover a embaixada brasileira para Jerusalém, assim como os Estados Unidos de Trump haviam feito em 2017 (Casarões, 2020).

Em paralelo, durante a campanha de 2023, Milei também prometeu que mudaria a embaixada argentina em Israel de Tel Aviv para Jerusalém, na justificativa de que foi a capital escolhida pelo rei David (Miller, 2023). Em entrevista para o jornal La Nación+ (2023), Milei alegou: “Não vou à igreja, vou ao templo. Não falo com um sacerdote, tenho um rabino de

¹⁴Disponível em <www.youtube.com/watch?v=s6kXIG_NrpQ&>. Acesso em 7 de maio de 2024.

cabeceira. Estudo a Torá. Sou reconhecido internacionalmente como amigo de Israel e estudioso da Torá. Estou perto [da conversão]". Goldestein, um membro judeu da campanha, contou que o candidato teve um encontro cabalístico com o rabino Wahnish em que foi apontado que Milei lideraria um movimento libertador na Argentina (Sivak, 2023).

Para efeito desta discussão, foi elaborado um quadro síntese com critérios comparativos conforme o modelo proposto por Vargas-Maia e Pinheiro-Machado (2023) para elencar as características convergentes entre Jair Bolsonaro (2018) e Javier Milei (2022) e compreender melhor a dimensão do populismo apocalíptico.

Quadro síntese 1 - Resultado comparativo da campanha Bolsonaro (2018) e Milei (2023)

Critérios comparativos para as campanhas eleitorais em análise	Jair Bolsonaro (2018)	Javier Milei (2023)
Recessão econômica e subjetividade política	Agenda anticorrupção que une segmentos da população em torno de uma promessa de reconstrução moral e material no Brasil	Retórica de um país renovado e próspero, livre de problemas como a inflação em um apelo de orgulho para um novo capítulo na história política-econômica na Argentina
Legado da ditadura e dos ditadores, violência policial cotidiana decorrente do ethos militar	Bolsonaro é militar reformado e mostrou-se um líder político historicamente alinhado à ditadura e defensor do porte de armas	As exortações ao período ditatorial na Argentina são escassas por parte de Milei, ao contrário da sua candidata à vice-presidente que é filha de um veterano da Guerra das Malvinas e revisionista histórica da ditadura militar
Matizes do nacionalismo nos países do Sul e conservadorismo religioso	Valores nacionalistas cristãos, em que o coletivo é definido pela fé e os verdadeiros brasileiros são aqueles que acreditam no mesmo Deus cristão	Valores nacionalistas em torno de uma promessa econômica, de forma que, Milei dirige-se como <i>argentinos de bien</i> aqueles que aceitam a prospecções da sua campanha
Moral em democracias não seculares e suas contrarreações	Aproximação do movimento populista de direita radical e o projeto nacionalista cristão em um nacionalismo religioso.	Ambíguo. Justifica as posições em princípios como de John Locke do direito à vida, liberdade e propriedade, e não no sentido da ordem natural ou divina

Fonte: elaboração da autora (2024).

Como demonstra o Quadro síntese 1, embora o modelo utilizada leve em consideração as quatro características oferecidas por Vargas-Maia e Pinheiro-Machado (2023) e não contabilize o populismo apocalíptico proposto por Wendy Brown (2017) e desenvolvido por

DeHanas (2023), Bolsonaro concentra os apelos populistas no âmbito moral-religioso e Milei os apelos populistas no âmbito econômico.

No caso de Bolsonaro (2018), ele se enquadra como populista apocalíptico pelo apelo nacional religioso. O lema “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” da campanha eleitoral carrega o peso da sacralização do ideal do Brasil enquanto nação cristã. Na definição das fronteiras simbólicas do Brasil como nação cristã isso opera para estabelecer limites identitários e distinguir o país como um espaço exclusivamente cristão. Bolsonaro na campanha de 2018, tem a dimensão nacional-religiosa como missão superior — e fator escatológico.

Por outro lado, no caso de Milei (2023), ele se enquadra como populista apocalíptico pelo apelo à economia nacional, como foi supracitado no tópico 3.2, o que significa que há o aspecto religioso na campanha, mas não é determinante na campanha eleitoral. A Argentina foi um dos primeiros países sul americanos a executar as políticas neoliberais, quase simultaneamente com o Chile sob o regime autoritário de Augusto Pinochet (Rojas, 2014). No discurso de vitória como deputado em 2021, Milei disse: “Não vim para guiar cordeiros, vim para despertar leões e os leões estão despertando. Este é o primeiro passo para uma Argentina potência”¹⁵ (Noticias 2021, tradução nossa). O discurso ultraliberal, que rechaça o liberalismo clássico em detrimento da propriedade privada e livre mercado acima das concessão estatal, juntamente do lembrete frequente de que o Estado aliena e doutrina e é um adversário (Milei e Giacomini, 2019) reforçam que o estatuto sagrado do povo é uma realidade não contingente que deve ser alcançada através da missão sagrada e escatológica de Milei.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pergunta proposta, “Qual o papel da religião na ascensão do populismo de direita radical no Brasil e na Argentina aproximadamente em meados da década de 2020?”, a presente pesquisa se debruçou na temática sob a ótica do estudo comparado das campanhas presidenciais de Jair Bolsonaro no Brasil (2018) e Javier Milei na Argentina (2023). Argumentou-se, ao longo do trabalho, acerca da necessidade de analisar o elemento religioso, compreendido como a capacidade de mobilização das congregações religiosas, que assume posição determinante na campanha eleitoral do candidato Bolsonaro, no entanto, secundária na campanha de Milei.

¹⁵Disponível

https://www.youtube.com/watch?v=OLJxOJsmi3c&ab_channel=Televisi%C3%B3n%3%BAblicaNoticias. Acesso em: 1 mai. 2024.

No início buscou-se explicar conceitos como “ultradireita” e “direita populista radical”. Para definir a ultradireita, optou-se pelo uso sistemático do termo cunhado por Mudde (2019) como um conceito guarda-chuva que compreende as proximidades e distanciamentos característicos entre a extrema direita e a direita radical. Diante das particularidades da América do Sul, utilizou-se o conceito de direita populista radical cunhado por Tatiana Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023) para explicar a escalada ao poder dos líderes dessa posição do espectro político-ideológico.

Em seguida, desenvolveu-se a relação existente entre a direita populista radical e o populismo religioso. Para atingir a compreensão do termo, fez-se uma explicação da dimensão moral e religiosa do populismo elencado em: carismático sobrenatural, sagrado e apocalíptico; bem como a especificidade do populismo apocalíptico como força de mobilização política, dada a necessidade de destaque a essa característica entre os dois líderes políticos em análise, Bolsonaro (2018) e Milei (2023).

Foram estabelecidos cinco critérios comparativos no desenho da pesquisa que partem do modelo de Tatiana Vargas-Maia e Rosana Pinheiro-Machado (2023) focados em: recessão econômica e subjetividade política; o legado da ditadura e dos ditadores, violência policial cotidiana decorrente do ethos militar; os matizes do nacionalismo nos países do Sul e conservadorismo religioso e moral em democracias não seculares e suas contrarreações.

Os matizes do nacionalismo nos países do Sul e conservadorismo religioso e moral em democracias não seculares e suas contrarreações foi o item identificado como variável de controle da pesquisa para traçar o perfil ideológico de Bolsonaro (2018) e Milei (2023). Desse modo, verificou-se que na campanha bolsonarista os valores nacionalistas cristãos, em em que o coletivo é definido pela fé, os verdadeiros brasileiros são aqueles que acreditam no mesmo Deus cristão ao passo que na campanha mileista os valores nacionalistas direcionam-se uma prospecção econômica centrada nos *argentinos de bien* que desejam mudança na situação material do país.

Uma vez definidos os critérios da análise comparada, apoiado no modelo proposto por Vargas-Maia e Pinheiro-Machado (2023), com relação aos antecedentes, compreendeu-se que um passado idealizado de prosperidade é distante da realidade material da América do Sul e, portanto, um futuro idealizado de prosperidade é mais preciso para descrever populações de economias emergentes estimuladas a incorporar o ideal individualista do empreendedorismo. Milei (2023) incorporou reivindicações da classe trabalhosa para ter a frustração social como eixo central discursivo em função da captação de votos e com o slogan *Viva la libertad* mobilizou aspirações individuais em direção ao futuro.

O projeto nacionalista de Milei caminhou em vias de um discurso ultraliberal, em que ele fundamentou suas posições programáticas ambíguas — como o apoio à legalização das drogas, oposição ao aborto e visões liberais sobre família e casamento — em princípios do liberalismo como direito à vida, liberdade e propriedade de John Locke. Já Bolsonaro (2018), com o slogan *Deus, pátria e família* e o adendo de um inimigo interno que se opõe a esses valores tradicionais, mobiliza aspirações individuais e familiares em direção ao futuro em termos de enfraquecer o Estado e reforçar o papel dos indivíduos e da família na reconstrução da economia (Brown, 2018; Cooper, 2017).

Através de dados empíricos, a pesquisa tentou demonstrar como Bolsonaro, ao manter a ambiguidade sobre a filiação religiosa após ingressar no PSL, encontrou um meio-termo responsável por uma plataforma mais livre e ecumênica, que buscou superar o sectarismo religioso no Brasil, e reuniu diferentes grupos religiosos em torno de um projeto nacionalista cristão. Desse modo, evidenciou-se que ambos os atores em análise são populistas apocalípticos que evocam um fator escatológico caso falhem na escalada ao poder. No entanto, a religião desempenha papel principal na campanha de Bolsonaro (2018), ao passo que desempenha papel secundário na campanha de Milei (2023), que utiliza elementos discursivos de apelo religioso, mas toma a economia como principal.

Esta pesquisa buscou contribuir com o debate sobre as convergências entre a religião e a direita populista radical na América do Sul em aproximadamente meados da década de 2020. Questões permanecem em aberto, em especial o papel da religião após a posse, visto que foram colocadas em análise as campanhas eleitorais dos dois atores. O governo de Bolsonaro (2018) e Milei (2023) ante ao populismo religioso merece um estudo mais aprofundado e específico. Ainda, o modelo proposto para análise comparada voltou-se a aproximadamente meados da década de 2020 na América do Sul, logo a replicabilidade em termos de marco temporal e outro contexto político são temas para futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

A24 (Argentina). Milei justificó su rechazo al aborto: "Hay un conflicto de propiedad": El candidato a diputado expresó que no está a favor del aborto, a excepción de que la vida de la madre corre peligro. **A24**, Buenos Aires, 4 nov. 2021. Disponível em: <https://www.a24.com/politica/la-extrana-explicacion-javier-milei-rechazar-el-aborto-n869551>. Acesso em: 10 dez 2021.

ALVES, J. E. D.; CAVENAGHI, S.; BARROS, L. F. W.; CARVALHO, A. A. Distribuição espacial da transição religiosa no Brasil. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, v. 29, n. 2, p. 215-242. 2017.

BARR, R. R. Populists, Outsiders and Anti-Establishment Politics. **Party Politics**, v. 15, n. 1, p. 29-48, Jan. 2009. doi:10.1177/1354068808097890. Acesso em: 22 mai. 2024.

BERLET, C. Reframing Populist Resentments In The Tea Party Movement. *Steep: The Precipitous Rise of the Tea Party*. Berkeley. **University of California Press**, p. 47-66. 2012. Disponível em: <<https://doi.org/10.1525/9780520954106-004>>. Acesso em: 18 mai. 2024.

BROWN, W. Apocalyptic populism. **EUROZINE**, 30 Ago. 2017. Disponível em: <<https://www.eurozine.com/apocalyptic-populism/>>. Acesso em: 04 mai. 2024.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Politéia, 2019.

CARTER, E. Right-wing extremism/radicalism: Reconstructing the concept. **Journal of Political Ideologies**, v. 23, n. 2, p. 157–182. Março. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/13569317.2018.1451227>>. Acesso em: 26 mai. 2024.

CASARÕES, G. S. P. Religião e poder: a ascensão de um projeto de "nação evangélica" no Brasil?. **Interesse Nacional**, São Paulo, ano 13, n. 49, p. 9-16, abr./jun. 2020.

CHRISPIM, D. 'Bolsonaro argentino', Javier Milei é eleito deputado por partido libertário. **Poder 360**, Nov. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/internacional/bolsonaro-argentino-javier-milei-e-eleito-deputado-por-partido-libertario>. Acesso em: 29 mar. 2024.

CONNOLLY, W. **Aspirational fascism**: the struggle for multifaceted democracy under Trumpism. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

CORBALAN, D. Milei hizo cumbre en las redes sociales: ¿empieza su caída?. **Social News**, Junho 2023. Disponível em: <<https://socialnews.com.ar/informes/milei-hizo-cumbre-en-las-redes-sociales-empieza-su-caida/>>. Acesso em: 1 abr. 2024.

DEHANAS, D. N. The spirit of populism: sacred, charismatic, redemptive, and apocalyptic dimensions. **Democratization**, p. 1–21, Dez. 2023. Disponível em: <doi: 10.1080/13510347.2023.2284277>. Acesso em: 26 mai. 2024.

DURKHEIM, É. **As formas elementares da vida religiosa**: um estudo em sociologia religiosa. Nova York: Macmillan, 1915.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1987.

EL ECONOMISTA. Milei y Bolsonaro darán “batalla contra el socialismo sobre la base de los valores de Dios, patria, familia y libertad”. **El Economista**, 15 fev 2023. Disponível em: <<https://eleconomista.com.ar/politica/milei-bolsonaro-daran-batalla-socialismo-sobre-base-valores-dios-patria-familia-libertad-n59801>>. Acesso em: 29 maio. 2023.

FAIGÓN, M. Creencias, valores y actitudes en la sociedad argentina. **CONICET** (Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas), Jan, 2020. Disponível em: <<https://www.conicet.gov.ar/creencias-valores-y-actitudes-en-la-sociedad-argentina/>>. Acesso em: 3 mai. 2024.

FALCÓN, L. M. **Javier Milei en campaña**: Análisis de sus declaraciones en las elecciones legislativas 2021. 2022. 87 p. Trabalho de conclusão de curso - Graduação em Comunicação Social, Universidad Nacional de La Plata, Buenos Aires, 2023. Disponível em: <<http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/150179>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

FINCHELSTEIN, F. **From Fascism to Populism in History**. University of California Press. 2019.

FORTI, S. Extreme Rights 2.0, A Big Global Family: From Spain’s Vox to Argentina’s Javier Milei, the forces of the new far right don’t resurrect historical fascism. But they are the greatest threat to democracy today. **NACLA Report on the Americas**, v. 56, n. 1, p. 20–27. Março 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/10714839.2024.2323396>. Acesso em: 25 mar. 2024.

GABIATI, Osvaldo Leandro. Cultura política comparada: populismo autoritário na Argentina e no Brasil no Século XXI. 2021. 189 f., il. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

GRIN, M; GHERMAN, M; CARACIKI, L. Beyond Jordan River’s Waters: Evangelicals, Jews, and the Political Context in Contemporary Brazil. **International Journal of Latin American Religions**, n. 3, p. 253-273. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s41603-019-00078-y>.

HAYNES, J. **Routledge Handbook of Religion and Politics**. London: Routledge. 2016.

HOLT, R. T.; TURNER, J. E. **The methodology of comparative research**. New York: Free Press, 1972.

INGLENHART, R.; NORRIS, P. Trump, Brexit, and the rise of populism: economic have-nots and cultural backlash. **HKS Faculty Research Working Paper Series**, Cambridge, v. 26, p. 1-53, Ago. 2016. Disponível em: <<https://www.hks.harvard.edu/publications/trump-brexit-and-rise-populism-economic-have-nots-and-cultural-backlash#citation>>. Acesso em: 19 mar. 2024.

JR, R. B.; CASARÕES, G. Statecraft under God: Radical Right Populism meets Christian Nationalism in Bolsonaro's Brazil. **Millennium: Journal of International Studies** 50, v. 50, n. 3, p. 1-31, 1 jul. 2022. DOI <http://dx.doi.org/10.1177/03058298221110922>. Acesso em: xx xx xxxx.

JÜPSKAS, A. R.; LEIDIG, E. Knowing what's (far) right: A compendium. Oslo: **Center for Research on Extremism**, 2020.

KEHL, M. R.. **Ressentimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

KINNVALL, C. Globalization and Religious Nationalism: Self, Identity, and the Search for Ontological Security. **Political Psychology**, v. 25, n. 5, p. 741–67, 2004.

KORDON, L. Lo nuevo al acecho. Javier Milei, derechos humanos y democracia en disputa. **Revista Argentina de Ciencia Política**, v. 1, n. 29, p.55-79, Ago 2022. Disponível em:<<https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/revistaargentinienciapolitica/article/view/8086/6771>.> Acesso em: 19 mar. 2024.

LIJPHART, A. Comparative politics and the comparative method. **American Political Science Review**. V. 65, p. 6682 - 6693, 1971.

LYNCH, C.; CASSIMIRO, P. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo: Editora Contracorrente. 2022.

LYNCH, G. **O Sagrado no Mundo Moderno: Uma Abordagem Sociológica Cultural**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MARIZ, C. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. **BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica**. São Paulo, n. 47, p. 33-48, 1999.

MEDEIROS, M. E.; BIANCO, V. O populismo reacionário na Argentina: Radicalização política de ultradireita e Javier Milei (Período pré-eleitoral 2023). **Revista De Iniciação Científica Em Relações Internacionais**, v. 11, n. 21, p. 1–14. 2023. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/67052>.

MILEI, J.; GIACOMINI, D. **Libertad, libertad, libertad**. [s.l.] Editorial Galerna. 2019.

MILL, J. S. **Sistema de lógica dedutiva e indutiva**. São Paulo: Abril Cultural, 1984 (Coleção Os Pensadores).

MINKENBERG, M. From pariah to policy-maker? The radical right in Europe, West and East: Between margin and mainstream. **Journal of Contemporary European Studies**, v. 21, n. 1, p. 5–24. 2013. <https://doi.org/10.1080/14782804.2013.766473>

MINKENBERG, M. The renewal of the radical right: between modernity and antimodernity. **Government and Opposition**, Vol. 32, n. 2, p. 170-198, 2000.

MINKENBERG, M. **Religion and the Radical Right**. Londres: Oxford Handbooks. 2018, Feb. 2018.

MUDDE, C. **The Ideology of the Extreme Right**. Manchester, Manchester University Press. 2000.

MUDDE, C. **The Far Right Today**. Cambridge: Polity Press, 2019.

MUDDE, C. **The Populist Radical Right: A Reader**. Londres: Routledge Taylor & Francis. 2017.

MUDDE, C. **The Populist Zeitgeist**. *Government and Opposition*, v. 39, n. 4, p. 541-563. doi:10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x. Tradução Guilherme de Paula e Javier Amadeo. 2004.

MUDDE, C; KALTWASSER, C. **Populism: A Very Short Introduction**. Nova Iorque: Oxford University Press. 2017.

NABAIS, J. Javier Milei y la frontera del sistema: Un acercamiento al populismo de derecha en la Argentina. **Actas de Periodismo y Comunicación**, v. 8, n. 1, 2022.

NETO, O. C. Neofascismo no Brasil: do local ao global?. **Esboços**, Florianópolis, v. 29, n. 52, p.579-598, 2022.

NOBRE, F.; MENDES, A. P.; ANGEIRAS, M. E. O neopentecostalismo no Brasil e a convergência com a ultradireita no populismo reacionário de Jair Bolsonaro. **Revista De Iniciação Científica Em Relações Internacionais**, v. 11, n. 21, p. 1–16. 2023. Recuperado de <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ricri/article/view/66917>.

PHILPOTT, D.; TOFT, M. D.; SHAH, T. **God's Century: Resurgent Religion and Global Politics**. New York: W.W. Norton, 2011.

PILATTI, J. Fé e negócios: qual é a relação entre o sionismo e Javier Milei na Argentina. **Brasil de Fato**, Fev. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/02/07/fe-e-negocios-qual-e-a-relacao-entre-o-sionismo-e-javier-milei-na-argentina>

PINHEIRO-MACHADO, R.; VARGAS-MAIA, T. **The Rise of the Radical Right in the Global South**. New York: Routledge, 2023.

PRADO, M. **Tempestade ideológica: Bolsonarismo, a Alt-Right e o populismo iliberal no Brasil**. São Paulo: Lux, 2021.

RAMÍREZ, I.; VOMMARO, G. Milei, ¿por qué? Hechos e interpretaciones de una erupción electoral. **Más Poder Local**, v. 55, p. 161-171. Disponível em: <<https://www.maspoderlocal.com/index.php/mpl/article/view/milei-argentina-elecciones-2023-ml55>>. 2024.

ROJAS, G. A ditadura militar na Argentina (1976-1983): retomando algumas hipóteses frente aos relatos oficiais. **Lutas Sociais**. São Paulo, v. 18, n. 32, p.163-176, 2014.

ROTHBARD, R. Right-Wing Populism: A Strategy for the Paleo Movement. **Rothbard-Rockwell Report**, v. 3, n. 3, p. 5–14, 1992.

SÉMAN, P. Evangélicos na eleição Argentina. Entrevista concedida ao Observatório Evangélico. **Observatório Evangélico**, 18 set. 2023. Disponível em: <<https://www.observatorioevangelico.org/evangelicos-na-eleicao-argentina-entrevista-com-o-antropologo/>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SÉMAN, P. Milei seguirá Bolsonaro e buscará apoio de mulheres evangélicas na Argentina? Entrevista concedida ao Observatório Evangélico. **Observatório Evangélico**, 20 out. 2023. Disponível em: <<https://www.observatorioevangelico.org/milei-seguira-bolsonaro/>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SENDIN, L. Fato de Milei usar “médium” para supostamente falar com mortos afasta-o de evangélicos. **Observatório Evangélico**, 2023. Disponível em: <<https://www.observatorioevangelico.org/fato-de-milei-usar-medium-para-supostamente-falar-com-mortos-afasta-o-de-evangelicos/>>. Acesso em: 14 abr. 2024.

SIVAK, M. Milei entre la Torá, Israel y los ruidos con la comunidad judía argentina. **EL PAÍS**, Buenos Aires, Nov. 2023. Disponível em: <https://elpais.com/argentina/2023-11-16/milei-entre-la-tora-israel-y-los-ruidos-con-la-comunidad-judia-argentina.html?outputType=am>.

SMELSER, N. J. **Comparative analysis of economic activity**. The social sciences: problems and orientations. Paris: Mouton/UNESCO, 1968, p. 145 – 159.

STEFANONI, P. O que querem os libertários e por que deram um giro à extrema direita?. Tradução Luiza Foltran. **Políticas Culturais Em Revista**, n. 15, n. 1, p. 181–218. 2022.

TELLA, T. D. Comparação entre os sistemas políticos da Argentina, do Brasil e do Chile: raízes históricas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 9–171, Faev. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092010000100002>

THOMAS, S. M. **The Global Resurgence of Religion and the Transformation of International Relations**. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

URGENTE24. Si Kast es la vuelta de Pinochet, Javier Milei es. **Urgente24**. Buenos Aires, Nov. 2021. Disponível em: <https://urgente24.com/foco/si-kast-es-la-vuelta-pinochet-javier-milei-es-n530094>. Acesso em: 14 abr. 2024.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: Um Esboço de Sociologia Interpretativa**. Traduzido e editado por. Guenther Roth e Claus Wittich. Nova York: Bedminster Press, 1968 [1921].

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, volto meus agradecimentos à minha mãe Glicirene e ao meu pai Paulo, que sob muito sol, garantiram que eu chegasse até aqui, na sombra. Essa é a paráfrase mais correspondente para demonstrar o que sinto, mas ainda é insuficiente. Sempre vou ser grata por me reconhecerem. Amo vocês incondicionalmente.

Àqueles que cuidaram sempre de mim, vó Mariza, vó Geisa e vô Lucas, esse trabalho também é graças a vocês. Aos meus três irmãos mais novos, agradeço pelo carinho constante que me faz lembrar que, mesmo longe, a distância não impede que vejamos uns aos outros crescendo. Muito obrigada por serem uma parte de mim João, Esther e Mariza. Dedicado esse trabalho a todos vocês.

Agradeço em especial a meus professores, que foram de importância imensurável para minha formação, e destaco alguns a quem devo agradecer de maneira particular: André Pini, que dedicou muito do seu tempo para me ajudar enquanto aluna e me incentivou a publicar meu primeiro artigo científico como membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Ultradireita e Relações Internacionais (GEPURI) quando eu ainda não entendia que era capaz de escrever, e Fábio Nobre, que me guiou no último ano como orientador de pesquisa para construção do presente trabalho de conclusão de curso e como coordenador do Centro de Estudos em Política, Relações Internacionais e Religião (CEPRIR). Agradeço pelo espaço de ensino, cooperação, excelência e debate foram parte da minha trajetória como pesquisadora.

Agradeço também aos colegas de graduação, Artur Targino, Beatriz Ramalho, Marcelly Maria, Marília Moreira, Amanda Cunha, Lívia Moraes, e, em especial, minha amiga Maria Eduarda Lima; além da ex-colega Bárbara Lins. Agradeço a todos pela parceria ao longo de minha trajetória pessoal e acadêmica. Encontrei uma verdadeira rede de apoio em vocês.

Ao movimento estudantil, Correnteza, não tenho palavras para medir o quanto aprendi sobre cidadania, humanidade e justiça. Àqueles que estiveram do meu lado, Fernanda Alves, Isabele Enes, Beatriz Firmino, Amdraca e Kelvin, me sinto honrada de ter conhecido e participado ativamente na luta social com vocês. Gramsci disse que o povo sente, mas nem sempre compreende ou sabe; o intelectual sabe, mas nem sempre compreende e, menos ainda, sente. Ouso dizer, por isso, que minha formação foi mais completa por causa de vocês. Agora, sou capaz de sentir e compreender.